Semana Ecumênica
Promovida pelo Movimento dos Focolares

Castelgandolfo, 12 de maio de 2017

O Carisma da unidade no Movimento ecumênico

Maria Voce

Presidente do Movimento dos Focolares

Caríssimos irmãos e irmãs,

Que Jesus esteja entre nós!
E isso é possível porque ele mesmo prometeu: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles" (Mt 18,20). É a frase do Evangelho que nos guia neste dia e rezemos para que seja assim também agora.

Saúdo todas as autoridades religiosas, que nos honram com a sua presença, em particular os dois expositores: o bispo Brian Farrell, secretário do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e o reverendo dr. Martin Robra, responsável pela formação ecumênica permanente e pelo Caminho pela justiça e a paz[i] do Conselho Ecumênico de Igrejas.

Nesta minha contribuição gostaria de evidenciar aquilo que a espiritualidade da unidade ou espiritualidade de comunhão, que nasceu do carisma de Chiara Lubich, pode oferecer ao caminho para a unidade plena e visível em Cristo, à qual somos chamados por Ele.

a) Creio que esta questão é de interesse para todos os presentes, conscientes de que as feridas infligidas ao corpo místico de Cristo ao longo dos séculos, diz respeito a todo o povo de Deus e, juntos, queremos dar a nossa contribuição para curá-las. Jesus crucificado e abandonado, que tomou sobre si todos os pecados, todas as divisões, nos pede para reconhecê-lo e amá-lo em todos os aspectos dolorosos para dar a nossa contribuição, abraçando e consumando em nós essa dor, com a alquimia divina que sabe transformar a dor em amor.

b) O amor de Cristo como fundamento do relacionamento entre cristãos de diferentes Igrejas foi selado ontem à tarde nas catacumbas de S. Sebastião com um 'pacto', o pacto de amor mútuo segundo João 13,34: "Amai-vos como eu vos amei", o coração do Evangelho. Este 'pacto' nos une a Cristo, no Seu Amor, e embora não possamos receber juntos a Eucaristia, o que desejamos com todo coração, sabemos que estamos espiritualmente unidos Nele também devido ao nosso Batismo comum. E junto com o apóstolo Paulo, perguntamos: "O que pode nos separar do amor de Cristo"?

c) Parece-me que nestes dias foi ressaltado um terceiro aspecto, um fruto, por assim dizer, da vivência da espiritualidade da unidade. No início do Movimento dos Focolares, Chiara e as primeiras focolarinas diziam que entre elas tinha se introduzido, silenciosamente, um terceiro: Aquele que prometeu "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome,

eu estou ali, no meio deles" (Mt 18,20). Jesus no meio entre cristãos de diferentes Igrejas: Ele é a nossa unidade.(cfr. João Paulo II, Ut Unum Sint).

Com base nesta premissa, gostaria de ler com todos os cinco "imperativos", formulados pelo documento católico-luterano "Do conflito à comunhão", para a comemoração dos 500 anos da Reforma. São imperativos que, a meu ver, não se referem apenas aos luteranos e católicos, mas podem ser vividos por cristãos de todas as Igrejas e serem colocados como prioridade para um profícuo compromisso ecumênico, não só para os diálogos teológicos, mas justamente para nós, que destacamos entre outras coisas, a importância do "diálogo da vida", a aproximação dos cristãos na vida cotidiana.

1. Partir da perspectiva da unidade

"Primeiro imperativo: … sempre partir da perspectiva da unidade e não da perspectiva da divisão, a fim de reforçar o que existe de comum, mesmo que as diferenças sejam mais facilmente visíveis e experienciadas."[ii]

Partir da perspectiva da unidade. Mas desde o início do Movimento dos Focolares foi este o convite que Chiara Lubich dirigiu às suas companheiras: "Jesus, nosso modelo, ensinou-nos apenas duas coisas que são uma só: sermos filhos de um único Pai e sermos irmãos uns dos outros"[iii]. É a descoberta de que "Deus é amor" (cfr. Jo 4,8), que Deus é Pai, uma verdade fundamental da nossa fé. Nós, cristãos, acreditamos em Deus, na sua onipotência, mas muitas vezes nós o imaginamos distante, inacessível. Sabemos que Ele se fez um de nós, homem como nós, por amor, mas às vezes não temos um relacionamento profundo com ele. O fato de redescobrir - como a nossa fé nos chama a fazer - que Deus é amor muda as coisas. Devemos ter a certeza de que ele está perto de nós, que nos acompanha a cada passo, que está por trás de todas as circunstâncias dolorosas e alegres, que sabe tudo sobre nós. Impressiona a frase de Jesus: "Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados." (Lc 12,7) Por quê? Porque nos ama. Devemos acreditar no seu amor. É isso que dá sentido à nossa vida. Não deveria ser esta redescoberta de Deus-Amor a base fundamental para partir da perspectiva da unidade?
A partir deste ponto fundamental do cristianismo é possível aprofundar o nosso patrimônio comum, tudo o que nos une. Somos unidos inclusive por um vínculo sacramental, pelo Batismo, que nos faz membros do Corpo de Cristo (cfr Unitatis Redintegratio). Temos consciência de que o Batismo nos faz irmãos e irmãs em Cristo? Então, o nosso modo de pensar, de falar, de se relacionar entre cristãos muda: reconhecemos a presença de Jesus no irmão e irmã; aumentam o respeito, a estima de um pelo outro.
Lembro-me que um pastor pentecostal disse nesta sala há pouco tempo: "Eu sabia que tinha irmãos e irmãs em Cristo, mas agora, procurando amá-los, descubro neles a fisionomia de Cristo". Crer em Deus Amor e descobrir a fisionomia de Cristo no outro, nos ajudará a começar por aquilo que nos une.

2. Deixar-se transformar pelo encontro com o outro e pelo testemunho mútuo da fé

"Segundo imperativo: deixar-se transformar continuamente pelo encontro com o outro e pelo testemunho mútuo da fé."[iv]

Poderia quase nos incutir medo: deixar-se transformar pelo encontro com o outro, pelo testemunho mútuo da fé. Isso significa que tenho que perder algo de mim mesmo?
"Quem me está próximo foi criado como um dom para mim e eu fui criada como um dom para quem me está próximo"[v], afirmou Chiara Lubich. Descobrimos a riqueza do outro quando o amamos com a medida de Jesus. Deste modo estamos prontos para ouvir e, nesta atitude de escuta, o outro pode dar tudo de si mesmo. Esta escuta exige de nós um esforço, requer que nos esvaziemos das nossas ideias, dos nossos preconceitos, para que o outro entre em nós. Amando assim, desinteressadamente, nos enriquecemos com os dons que o outro nos faz. O nosso horizonte se amplia; entendemos os seus motivos, a sua maneira de pensar. Acontece um "intercâmbio de dons", que não é apenas conhecimento um do outro, mas uma troca em que a riqueza da fé do outro nos

transforma, nos ajuda a conhecer melhor a riqueza do patrimônio comum da sua Igreja, mas também redescobrimos a riqueza da nossa Igreja.
Existe uma palavra que pode nos ajudar a lembrar este ponto: "fazer-se um". São Paulo diz: "Fazer-se tudo para todos, a fim de salvar a todos".

3. Comprometer-se na busca da unidade visível – buscar sempre de novo este objetivo

"Terceiro imperativo: comprometer-se outra vez na busca da unidade visível, para compreenderem juntos o que isso significa em termos concretos, e buscar sempre de novo este objetivo."[vi]

Como? Voltando à nossa raiz comum, à Palavra de Deus. A Sua palavra não é simples recordação, mas palavra que Ele dirige hoje a todos nós. Ainda estamos na época da Páscoa, Ele ressuscitou e como tal continua a se dirigir a nós. E se somos Palavra viva, já não somos nós que vivemos, mas é Cristo que vive em nós, como diz São Paulo.
Além disso, desde o início, era espontânea no Movimento dos Focolares a prática de comunicar as descobertas feitas quando se vive a Palavra, isto é, as experiências da Palavra vivida. Ainda hoje fazemos assim para a edificação comum, como ressalta São Paulo. Desta forma, podemos manter e fortalecer a unidade em Deus e entre nós. E, depois de séculos de desconfiança mútua, podemos descobrir e reconhecer que a graça de Cristo age também no irmão e irmã de outra Igreja.

4. Redescobrir juntos a força do Evangelho

"Quarto imperativo: redescobrir juntos a força do Evangelho de Jesus para o nosso tempo".[vii]

Se vivermos o Evangelho deste modo, poderemos realmente redescobrir a força do Evangelho para o nosso tempo.
Foi esta descoberta do Evangelho, ainda nos abrigos antiaéreos de Trento durante a Segunda Guerra Mundial, que deu a um pequeno grupo de moças a força para começar uma vida nova que atraiu pessoas do mundo inteiro. Foi a narração desta experiência do Evangelho vivido que atraiu os primeiros irmãos e irmãs luteranos em 1961 na Alemanha, e foi uma grande descoberta para todos de que é possível vivê-lo juntos. Depois, milhares de irmãos e irmãs das Igrejas cristãs procuram viver o Evangelho, reunindo-se para comunicar as experiências, tornando-se assim 'células vivas' do Corpo Místico de Cristo. Células que querem deixar Cristo viver nelas e entre elas, com a certeza de que Ele age, converte, chama para uma vida cristã mais autêntica dentro de nossas Igrejas e para construir a unidade entre as Igrejas. Assim reavivamos o Seu Corpo Místico, a Igreja Una que Ele fundou.

5. Testemunhar juntos a misericórdia de Deus no serviço ao mundo

"Quinto imperativo: … testemunhar juntos a misericórdia de Deus no anúncio do Evangelho e serviço ao mundo".[viii]

Se vivermos a Palavra, o amor, o amor mútuo, com esta intensidade, poderemos realmente testemunhar a misericórdia, ou seja, o amor de Deus. E sabemos que o mundo espera este nosso testemunho! Porque a unidade entre nós não é um fim em si mesma, é para o mundo, eu diria urgente nos dias de hoje, especialmente para a Paz no mundo. Conhecemos bem a causa profunda do terrorismo: é o ressentimento, o ódio reprimido, o desejo de vingança, alimentado por povos oprimidos há tempo por esta divisão do nosso planeta em duas partes: os ricos e os pobres, miseráveis, às vezes. O que falta, portanto, em nossa terra é nos tratarmos como irmãos e irmãs, é a comunhão, a solidariedade, a partilha. Os bens devem ser compartilhados, mas sabemos: eles não se movem por si só, é preciso mover os corações.
Jesus disse que o mundo nos reconheceria como seus através do amor mútuo, da unidade: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35).
O amor mútuo, a unidade, deve ser, portanto, o nosso distintivo, e o distintivo da sua Igreja. Coloquemos então toda a nossa confiança neste amor evangélico.

Queridos irmãos e irmãs, gostaria de concluir o meu discurso ressaltando o que eu disse por ocasião da "Declaração de Ottmaring", em que, como Movimento dos Focolares, quisemos reafirmar o nosso empenho ecumênico na esteira dos eventos de Lund.

Eu disse: "Hoje não tem sentido que os cristãos se apresentem fragmentados. Já incidem pouco, e incidirão cada vez menos se não estiverem unidos para testemunhar o único Evangelho, o mandamento do amor mútuo. E, se nós cristãos não sabemos dar esse testemunho, o mundo não poderá encontrar Deus, porque não poderá encontrar aquele Jesus que está presente onde existem cristãos unidos pelo amor mútuo. Se o encontrarem a fé nascerá neles, mudarão de atitude, no modo de comportar-se, mudará a busca da paz e de soluções de justiça, o empenho pela solidariedade entre os povos".

"Em Lund assistimos a um gesto importante realizado pelos responsáveis da Igreja Católica e da Federação Luterana Mundial, ou seja, de alto nível. Mas se ficar apenas nesta esfera, se não se concretizar na vida das comunidades, permanecerá uma bela recordação histórica, que não conseguirá incidir nas situações de hoje".

A minha esperança hoje é de que, juntos, possamos nos colocar e permanecer "no caminho", com Jesus presente entre nós "para que o mundo creia".

---

[i] Programme Executive Continuing Ecumenical Formation and Pilgrimage for Justice & Peace
[ii] Do Conflito à Comunhão
[iii] Chiara Lubich, A arte de amar, Cidade Nova 2006, p.33
[iv] idem
[v] Chiara Lubich, Ideal e Luz, Cidade Nova 2006, p.129
[vi] idem
[vii] idem
[viii] idem